

PSICOLOGIA SOCIAL, TECNOLOGIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO¹

O objeto de aprendizagem “políticas de subjetivação” foi desenvolvido para trabalhar os conteúdos de psicologia social em diferentes disciplinas ministradas pelo Departamento de Psicologia Social e Institucional em vários cursos de graduação da Universidade. Descreveremos a seguir a experiência de utilização deste objeto de aprendizagem na disciplina Psicologia Social II do curso de Graduação em Psicologia da UFRGS durante o segundo semestre de 2007.

A proposta da disciplina, ao incorporar o ambiente virtual no processo de aprendizagem, visava propiciar a exploração dos conceitos básicos da psicologia social, permitindo a problematização e a análise dos diferentes modos de expressão da experiência subjetiva, baseando-se na perspectiva genealógica de Michel Foucault.

A metodologia do hipertexto possibilitou que os alunos pudessem perceber as transformações nos modos de produção da subjetividade ao longo do tempo. Tais transformações puderam ser ilustradas explorando-se as relações com o contexto social de determinada época através de obras da literatura, pintura e cinema, por exemplo. O hipertexto funcionou assim como um importante dispositivo para enriquecer o debate conceitual por meio do acesso a diferentes referências e links para trabalhar questões voltadas a temas como: a formação do modo-indivíduo na modernidade, as transformações nas noções de tempo e espaço decorrentes dos avanços tecnológicos do século XX, as mudanças experimentadas com relação à família e à infância, o impacto das novas tecnologias no mundo do trabalho e da educação, entre outros temas que possibilitavam pensar a experiência subjetiva contemporânea e suas transformações ao longo do tempo. A criação coletiva de um site da disciplina foi realizada por meio da construção colaborativa dos alunos que dividiram-se em pequenos grupos para trabalhar um tema específico de seu interesse dentre os temas propostos pela professora. Esse material foi revisado pela equipe do projeto, editado e publicado para que os próprios alunos pudessem revisá-lo e ampliá-lo, com o apoio do bolsista do projeto.

Dentro dessa diversidade que é intrínseca ao ambiente “web”, adotamos o sítio www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/index.htm como um portal de desconstrução, ou seja, como um espaço destinado a mostrar, de forma simples e direta, que os

¹ Rosane Neves – Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional – UFRGS
(rosane.neves@ufrgs.br)

Mara Lúcia Fernandes Carneiro - Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional – UFRGS
(mara.carneiro@ufrgs.br)

Rodrigo Schames Kreitchmann – Aluno do curso de Psicologia – UFRGS (haifa.k33@gmail.com)

objetos com os quais convivemos – como a família, o trabalho e as tecnologias – são modificados com o passar do tempo, assumindo novas funções e significados para a sociedade. Resultam, portanto, de diferentes políticas de subjetivação que moldam a nossa experiência subjetiva.

Através deste espaço, buscamos seguir os passos de Michel Foucault em seus estudos. Da mesma forma que o estudioso francês, procuramos produzir uma releitura dos nossos objetos cotidianos, procurando analisar como tais objetos foram se modificando ao longo do tempo. Não se tratava de buscar a origem destes objetos, mas marcar as suas transformações. Este espaço foi pensado como uma desconstrução para que ele possa, através das suas vivências e conhecimentos, reorganizar seus objetos, compreendê-los e mudá-los de modo a resignificar a sua própria condição. Foi pensado em termos mais *genealógicos*, em consonância com as idéias de Foucault.

*“A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o nosso passado ainda está lá, bem vivo no presente animando-o ainda em segredo depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso de uma forma delineada desde o início (...) Seguir o filão complexo da proveniência é, ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário, as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz do daquilo que nós conhecemos e daquilo que somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade e o acidente”.*²

Essa é a interpretação genealógica da proveniência que se constitui na base epistemológica e metodológica do nosso “hipertexto”. Apresentamos imagens que buscam problematizar os objetos de subjetivação que abordamos através das gravuras e textos. Mas a escolha dessas marcas e objetos não é feita ao acaso. Para essa escolha, utilizamo-nos do conceito de emergência abordado por Foucault.

“Enquanto que a proveniência designa a qualidade de um instinto, seu grau ou seu desfalecimento, e a marca que ele deixa em um corpo, a emergência designa um lugar de afrontamento; (...) é, de preferência (...) um ‘não-lugar’, uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao

² Idem, pg. 21.

*mesmo espaço. Ninguém é, portanto, o responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício”.*³

Procuramos, através dos objetos escolhidos, identificar pontos de emergência histórica. Eles mesmos são seu significado, esse campo de batalha onde os poderes se enfrentam e ao qual modelam. A idéia é que o navegante possa também identificar e reagrupar esses objetos de modo a visualizar outras emergências independentes das nossas e sugerir novos vetores de atualização para o nosso sítio, completando o processo de interatividade ao qual esse espaço se propõe.

Como objeto de aprendizado, nossa aproximação teórica com Foucault também se faz presente. Pensamos o sítio como um espaço de estabelecimento de conhecimentos baseados em uma história da descontinuidade, uma nova história, que *“organiza [o documento], recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações”.*⁴ Assim, os objetos são os documentos com os quais nosso visitante vai estabelecer as séries, organizar e escolher o que é pertinente ou não na realização da atividade em que está envolvido.

Esse espaço se propõe a mostrar que os objetos que participam da subjetivação dos indivíduos é um processo que envolve disputas (emergências) e discursos (que deixam marcas ou proveniências), sendo historicamente construídos e não naturalmente dados. E, a partir destes dados, dar ferramentas para que os estudantes possam desconstruir esses objetos, observar essas funções e libertar-se desta retórica, de modo a produzirem de maneira mais independente seu arcabouço intelectual.

Apresentaremos a seguir algumas das estratégias metodológicas para a construção coletiva do sítio ao longo da disciplina.

Aproveitando a ida de muitos dos alunos da disciplina de Psicologia Social II ao VI Congresso de Salud Mental y Derechos Humanos, em Buenos Aires, foi possível trabalhar a compreensão de diferentes conceitos, fazendo com que os alunos explorassem algumas das ferramentas metodológicas utilizadas no campo da psicologia social. Foi solicitado que, por meio de fotos digitais, os alunos realizassem uma cartografia das diferentes paisagens psicossociais encontradas durante a

³ Idem, pg. 24.

⁴ FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense, 1990, pg. 7.

viagem. Estas diferentes paisagens psicossociais deveriam captar os conceitos trabalhados na disciplina, como, por exemplo, os conceitos de cartografia e de micropolítica.

Enquanto uma parte da turma foi à Buenos Aires, a outra parte deveria trabalhar os mesmos conceitos de cartografia e de micropolítica em nossos ambientes cotidianos. Aproveitando a experiência da 6ª Bienal do Mercosul, os alunos que ficaram em Porto Alegre procuraram explorar a expressão artística para a compreensão dos mesmos territórios conceituais. Assim como os alunos que foram à Buenos Aires, os alunos que ficaram em Porto Alegre deveriam fazer um registro fotográfico daqueles ambientes que fazem parte do nosso cotidiano e que, de tão próximos, acabam muitas vezes tornando-se despercebidos. Tratava-se, portanto, de fazer uma viagem no próprio lugar, explorando o inusitado contido em nossa experiência cotidiana e produzindo um estranhamento em nossos modos de ver a realidade em nossa volta. Os alunos decidiram então fazer fotos do prédio da Psicologia. Estas fotos seriam apresentadas junto com as fotos da viagem à Buenos Aires. Visava-se assim mostrar que o estranhamento produzido quando viajamos a um local desconhecido também pode ser experimentado numa “viagem” ao local que percorremos diariamente.

Para a apresentação dos trabalhos criados a partir dessas experiências, utilizamos a “técnica do barbante”, na qual os alunos dividiram-se pelos conceitos estudados e distribuíram-se pela sala de aula. Foi combinado que o primeiro grupo a apresentar ficasse com uma ponta do barbante e que, a cada apresentação, o barbante funcionasse mais ou menos como um microfone, passando de grupo em grupo. O objetivo desta técnica é produzir um rizoma, onde não existe necessariamente um ponto de partida e um ponto de chegada, mas várias composições de rede possíveis. Trata-se de multiplicar as possibilidades de criação de novos agenciamentos entre os conceitos trabalhados ao longo do semestre, mostrando que não existe apenas um modo de relacioná-los entre si.

Pretendemos continuar esta experiência nos próximos semestres, construindo novas interfaces deste hipertexto com a proposta investigativa contida neste campo de saberes e práticas denominado de psicologia social.

Palavras-chave: Subjetivação – Psicologia Social - Genealogia